



Daniel Katz

Zilda Maria Beltrão Fraletti

zildafraletti@revistalush.com.br

Zilda Fraletti graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 24 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Na Lush, ela divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

Guayasamín – Uma América Pintada

Raros artistas imprimem uma força tão grande aos seus trabalhos a ponto de prender nosso olhar e nossas emoções, como o equatoriano Oswaldo Guayasamín (1919 - 1999). Suas obras relatam a dor e a miséria enfrentadas por grande parte da humanidade e, ao mesmo tempo, denunciam a violência cometida contra o homem ao longo do século 20. Em traços fortes, seus personagens esqueléticos relatam dor, tristeza, medo, espanto e horror. Os trabalhos demonstram a força expressiva depositada nas mãos e nos olhos de suas figuras, características marcantes e recorrentes em sua produção.

Mãos, olhos, ossos, dentes e lágrimas saltam da tela e chamam a atenção de quem observa. São traços que denunciam e revelam a revolta do artista diante da opressão e do sofrimento provocados pelas guerras, pelas ditaduras e pelas desigualdades sociais.

Guayasamín recebeu forte influência da milenar arte précolombiana, do muralismo mexicano e da Guernica de Picasso. Mas a origem simples, a ascendência indígena, as privações e pobreza da infância deixaram marcas profundas que se refletem em todo o seu trabalho. Seu primeiro grande impacto com a violência, depois revelado em suas obras, foi o assassinato de seu melhor amigo, morto por uma bala perdida.

El Grito III, 1983



El Grito I, 1983



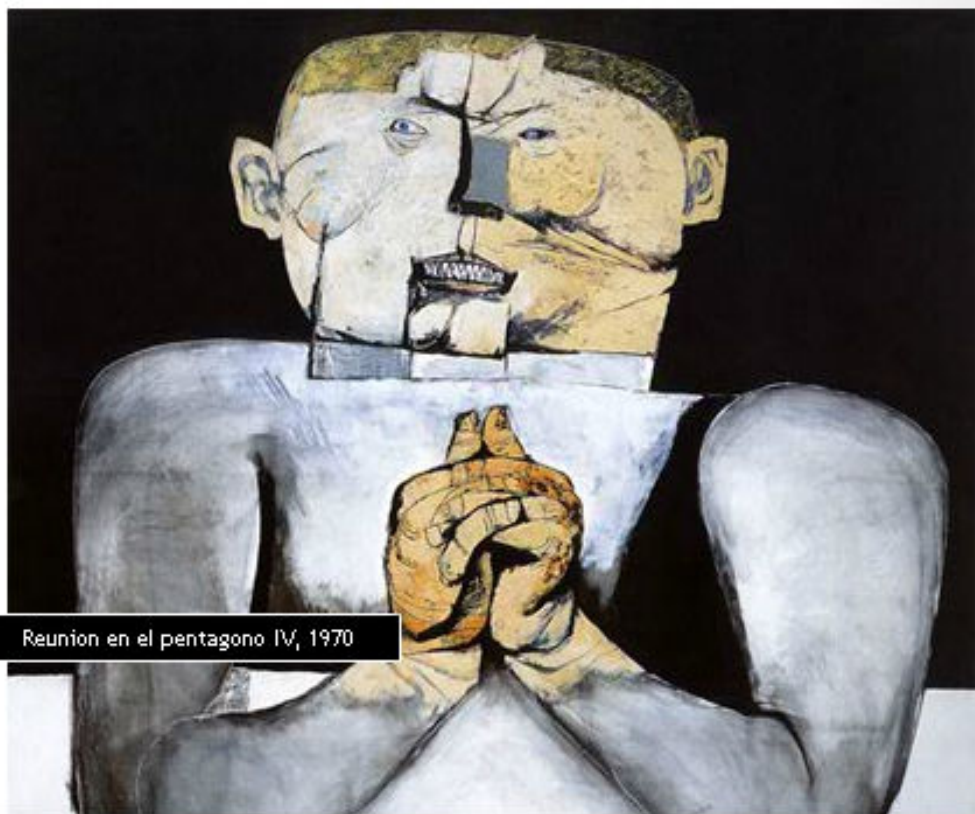
Los niños muertos, 1942

O episódio foi registrado em Los niños muertos (As crianças mortas), que retrata a cena brutal de um grupo de cadáveres amontoados em uma rua de Quito, entre os quais está o melhor amigo.

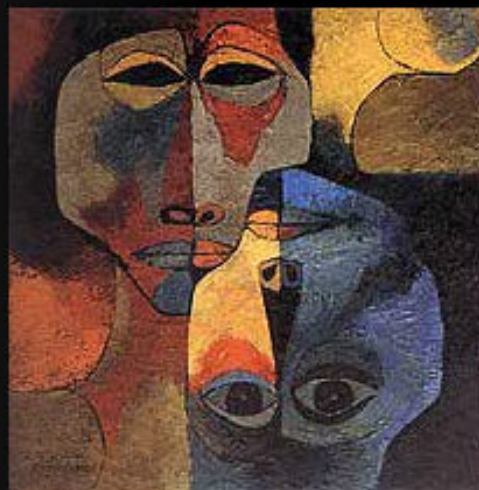
A filha do artista, Verénice Guayasamín, diz que o pai usou o talento que possuía para influenciar a busca por um mundo melhor, mais justo e menos agressivo.

“Meu pai viveu quase 80 anos e conheceu de perto os grandes conflitos do século. Apesar de toda revolta exposta em suas telas, não militou em nenhum partido político, mas definia-se como marxista-fidelista (...). Sua obra não é panfletária, somente revela ‘o mundo que me coube viver’, como dizia sempre.”

Também são exibidas naturezas mortas, paisagens e retratos. O artista retratou personagens célebres da história contemporânea, escritores, artistas e estadistas. Entre eles, destacam-se o poeta chileno Pablo Neruda, que se referia ao artista como o “anfitrião de nossas raízes”; o escritor Gabriel García Márquez, o presidente francês François Mitterrand, o rei Juan Carlos da Espanha, a princesa Carolina de Mônaco e Fidel Castro, com quem desenvolveu grande amizade e o retratou várias vezes.



Reunion en el pentagono IV, 1970



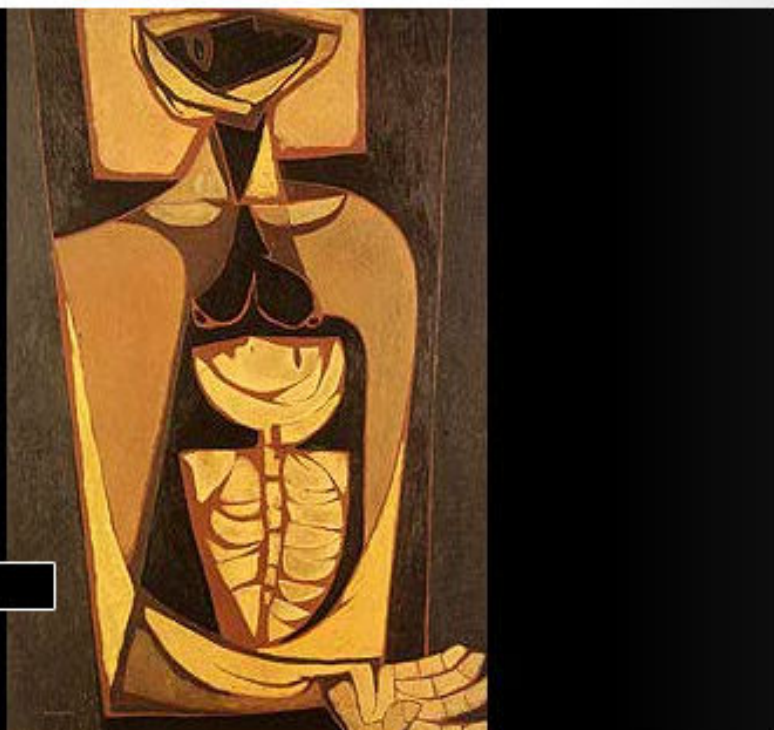
Los amantes, 1989



Reunion en el pentagono I, 1970

A mostra é uma retrospectiva de 60 anos da produção de Guayasamín, e tem curadoria de Pablo Davi Guayasamín, filho do artista. São 98 obras representativas de sua trajetória, realizadas a partir de diversas técnicas, como aquarelas, telas em óleo e acrílico e desenhos em tinta sobre papel. Os trabalhos pertencem ao acervo da Fundação Guayasamín, com sede em Quito, que o artista fundou em 1976 junto com seus filhos. Através da fundação, doou todo o seu patrimônio artístico para o Equador. A partir desse patrimônio foram organizados os museus de Arte Précolombiana, com mais de 300 peças, e o de Arte Contemporânea, com mais de 250 trabalhos. A exposição acontece no Museu Oscar Niemeyer até o dia 25 de julho.

www.museuoscarniemeyer.org.br



Origen, 1951

“...pintar é ao mesmo tempo uma forma de oração e um grito. É quase uma atitude fisiológica e é também a grande consequência do amor e da solidão. Portanto, quero que tudo seja nítido e claro e que a mensagem seja simples e direta. Não quero deixar nada ao acaso. Quero que cada figura e cada símbolo sejam essenciais, porque a obra de arte é uma busca incessante para sermos como os outros e de não nos parecermos com ninguém.”

Oswaldo Guayasamín

“ Guayasamín forma, ao lado do brasileiro Portinari e dos pintores mexicanos José Clemente Orozco, Diego Rivera e Rufino Tamayo, a “estrutura andina do continente”. “Poucos pintores da nossa América são tão poderosos como este equatoriano (...) Ele tem o traço forte, ele é um anfitrião das raízes e invoca a tempestade, a violência e a falta de exatidão. E tudo isto transforma-se em luz na presença e na paciência dos nossos olhos.”

Pablo Neruda

“ Minha obra somente revela o mundo que me coube viver.”

Guayasamín ▲

Autorretrato, 1950



El toro y el condor, 1957

